

Rastros de otobiografia nas escrituras do eu

161

Nivana Ferreira da Silva¹

Universidade Estadual de Santa Cruz

Élida Paulina Ferreira²

Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo:

Para falar dos rastros de otobiografia nas escrituras do eu, propomos aqui traçar um percurso que o tema do autobiográfico cumpre na desconstrução de Jacques Derrida. Assim, consideramos as discussões acerca da rasura da autobiografia, bem como sobre as questões de assinatura e de nome próprio, que são sempre inscritos na relação com o outro, até mesmo o outro de si.

Palavras-chave: Otobiografia; Desconstrução; Jacques Derrida.**Abstract:**

In order to talk about the otobiographies' traces in the writing of the self, we propose here to approach the autobiographic theme in Jacques Derrida's deconstruction. Thus, we consider the discussions about the erasure of autobiography, as well as the questions about signature and proper name, which are always established in the relation to the other, even the other in the self.

Keywords: Otobiography; Deconstruction; Jacques Derrida.

1 Mestranda do programa de pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. E-mail: nivana.fs2@gmail.com

2 Doutora e professora titular do programa de pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: epferreira@uesc.br

I.

A autobiografia, ou a escrita (*graphein*) da vida (*bios*) do eu (*autos*) (Cf. *Dicionário Eletrônico Houaiss*, 2001), problematizada pelo filósofo da desconstrução (DERRIDA, 1985a, 1985b), ultrapassa a ligação, aparentemente homogênea e tranquila, entre a vida do autor e os fatos sobre essa vida abordados em uma obra. No intuito de discutir o autobiográfico em Derrida, lidaremos com o arcabouço crítico legado pelo filósofo acerca do problema da autobiografia, comprometendo-nos com o que ele chamou de otobiografia na obra “*Otobiographies: The Teaching of Nietzsche and the Politics of the Proper Name*” (1985b).

O referido trabalho diz respeito a uma palestra proferida pelo filósofo franco-argelino, na qual ele propõe uma leitura de dois textos de Friedrich Nietzsche: *Ecce Homo* (1908) e “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino” (1872 apud DERRIDA, 1985b). Diante da problemática da assinatura e do nome próprio, Derrida indica a complexidade da situação que envolve o falar do outro e o dizer da obra do outro, problematizando o conceito clássico de autobiografia e engendrando a chamada otobiografia, que trataremos a seguir.

II.

A escrita/escritura da vida do sujeito, contada pelo seu próprio “eu”, costuma ser associada à forma mais autêntica de se relacionar com a verdade do vivido e, nesse sentido, se configura como “[...] dispositivo de apresentação da verdade entendida como verdade da vida, ou ainda enquanto interiorização do nome próprio considerado como apresentação do discurso por ele mesmo” (SISCAR, 2000, p. 164). Podemos dizer que a escrita da vida do eu, ou autobiografia – “gênero vizinho” da biografia, assim como memórias, auto-retrato, confissões (cf. MITIDIERI, 2008, p. 12) – é colocada sob rasura pelo filósofo da desconstrução, o que tem consequências relevantes para pensarmos a assinatura, o nome próprio e a escritura.

O termo “sob rasura”, comumente associado ao pensamento derridiano, refere-se, segundo Stuart Hall (2009, p. 104), não à superação dialética dos conceitos, mas à possibilidade de ainda se pensar com eles,

ou a partir deles, já que, na sua “forma original, não-reconstruída” eles podem ser problemáticos. Desse modo, mesmo que a palavra seja riscada/rasurada com um traço, ela permanece legível e ainda se faz necessária³.

Ratificamos, assim, que a rasura e o movimento da desconstrução não destroem o que já está posto. De acordo com o filósofo, o gesto desconstrutivista não é destrutivo e, embora Derrida (1985a, p. 85-86) afirme que a palavra “desconstrução” não tenha sido utilizada em sua obra de forma premeditada, ou deliberada, ele aponta também que ela [a desconstrução] “não consiste em passar de um conceito para outro, mas em modificar e em deslocar uma ordem conceitual assim como a ordem não-conceitual à qual se articula” (1991, p. 372).

163

A modificação e o deslocamento, aos quais ele faz referência, se articulam em um movimento duplo, que caracteriza a rasura e, obviamente, a desconstrução. Em outro lugar, Derrida reporta-se, diretamente, a esse “duplo jogo”, elucidando que

[...] por meio desse duplo jogo, marcado em certos lugares decisivos, por uma rasura que permite ler aquilo que ela oblitera, inscrevendo violentamente no texto aquilo que buscava comandá-lo de fora, eu tento, pois, respeitar o mais rigorosamente possível o jogo interior e regrado desses filosofemas ou epistememas, ao fazê-los deslizar, sem os maltratar, até ao ponto de sua não pertinência, de seu esgotamento, de sua clausura. ‘Desconstruir’ a filosofia seria, assim, pensar a genealogia estrutural de seus conceitos da maneira mais fiel, mais interior, mas, ao mesmo tempo, a partir de um certo exterior, por ela inqualificável, inominável, determinar aquilo de que essa história foi capaz – ao se fazer história por meio dessa repressão, de algum modo, interessada – de dissimular ou interditar (DERRIDA, 2001, p. 12-13).

Conforme aponta Derrida, a desconstrução da filosofia se compromete a pensar, fiel e internamente, a estrutura dos conceitos. Porém, simultaneamente, esse pensar também toca “um certo exterior” que, a princípio e de maneira instituída, poderia parecer distante do fundamen-

3 Continentino faz referência ao termo “sob rasura” e cita (com tradução sua) o prefácio da edição inglesa de *Gramatologia* (DERRIDA, 2011), escrito por Gayatri Spivak, também tradutora da obra: “ ‘Isto [escrever sob rasura] é escrever uma palavra, riscá-la, e então marcar, ambos, palavra e apagamento. (Uma vez que a palavra é inacurada, ela é riscada. Uma vez que ela é necessária, ela permanece legível.) [...]’ ” (2006, p. 20).

to conceitual que é desconstruído. Dito de outro modo, e voltando ao trecho citado mais acima, o movimento desconstrutivista desloca, não apenas o sistema/ a ordem do conceito, mas também “a ordem não-conceitual à qual se articula” (1991, p. 372).

Diante disso, é possível que nos questionemos: qual a relação desse “duplo jogo” com o tema do autobiográfico e com as escrituras do eu? A título de resposta, referimo-nos a Derrida (1985b), que é enfático quando argumenta, a partir do que ele apresenta na obra, que não devemos mais levar em conta, por exemplo, a biografia de um filósofo como o conjunto de fatos ditos empíricos que deixam de fora a assinatura e o nome próprio e que, no sentido tradicional, requer uma leitura eminentemente filosófica. Em sentido oposto ao da tradição, ele defende que: “Nós dizemos não a isso porque uma nova problemática do biográfico em geral e da biografia dos filósofos em particular deve mobilizar outros recursos, incluindo, no mínimo, uma nova análise do nome próprio e da assinatura” (DERRIDA, 1985b, p. 5)⁴.

Reiteramos que não se trata, simplesmente, de uma oposição, inversão ou desconsideração puras. O tratamento do biográfico, sob a ótica da desconstrução, é deslocado e rasurado, assim como o tratamento do autobiográfico. Ambos devem movimentar os recursos citados, quais sejam, a assinatura e o nome próprio sob uma nova perspectiva. Nesse contexto, o tratamento do dito empírico e da suposta verdade da vida – e Derrida trata particularmente do que concerne ao empírico e à vida dos filósofos (Nietzsche, em especial, como veremos) é colocado sob rasura.

Especificamente no caso da autobiografia rasurada, ainda é possível ler aquilo que ela oblitera na medida em que a “escrita da vida do eu” permanece como o fundamento desse gênero, porém, deslocado, distante das clausuras, com um traço sobre o *autos* e sob outra forma: a forma da escuta, do ouvido, do nome próprio, da assinatura e da contra-assinatura. Além disso, os problemas de fronteira, de borda e do tocante ao empírico e à verdade são levados às últimas consequências por Derrida.

Da perspectiva derridiana, é bastante discutível separar os chama-

4 Todas as citações deste texto serão traduzidas aqui para o português e registradas em nota de rodapé como na edição inglesa. “We say no to this because a new problematic of the biographical in general and of the biography of philosophers in particular must mobilize other resources, including, at the very least, a new analysis of the proper name and the signature.”

dos “fatos empíricos” da vida, isto é, o que se refere à “vida propriamente dita” (1985a, p. 44), do trabalho sobre a vida: o texto autobiográfico. Sendo assim, para Derrida, o engendramento da autobiografia se daria sobre uma fronteira indistinta e difusa que separaria o suposto empírico/dado, da obra do autor. Como afirma o filósofo, há uma borda que atravessa o corpus (da obra) e o corpo (do autor), mobilizando o que ele denomina *dynamis*:

Essa fronteira – eu a chamo *dynamis* por causa da sua força, do seu poder, assim como da sua potência virtual e móvel – não é, nem ativa, nem passiva, nem o fora, nem o dentro. Ela não é, muito especialmente, uma linha tênue, um invisível ou indivisível traço deitado entre a clausura dos filosofemas, de um lado, e a vida do autor já identificado atrás do nome, de outro. Essa fronteira divisível atravessa dois ‘corpos’, o corpus e o corpo, de acordo com as leis que nós só estamos começando a avistar (1985b, p. 5-6)⁵.

A *dynamis* confunde-se com a própria fronteira e atravessa os dois corpos. Além disso, de acordo com Duque-Estrada (2014), essa borda interna não distingue precisamente vida e obra, dada a impossibilidade de colocá-las como duas coisas separáveis entre si. Nesse sentido, conforme a autora, o texto autobiográfico, assim como outro texto, nasce no espaço do entre: “[...] a compreensão que se constrói de um texto, autobiográfico ou não, só pode, acredita Derrida, situar-se no espaço de um *entre*; um *entre* que, *pelo menos a princípio*, não se pode pensar senão como um *entre* a ‘vida’ e a ‘obra’ [...]” (DUQUE-ESTRADA, 2014, p. 94) [grifos da autora].

Nesse caso, levando em conta o *entre* e a *dynamis*, a separação precisa entre vida e obra torna-se questionável. Há uma dificuldade de determinação dos “acidentes” empíricos, já que o suposto texto empírico, que trataria dos tais acidentes, não está dado. É aí onde se encontra um dos inconvenientes do autobiográfico no sentido tradicional, pois, nas palavras de Derrida:

5 “This borderline – I call it *dynamis* because of its force, its power, as well as its virtual and mobile potency – is neither active nor passive, neither outside, nor inside. It is most especially not a thin line, an invisible or *indivisible* trait lying between the enclosure of philosophemes, on the one hand, and the the life of an author already indefinable behind the name, on the other. The divisible borderline traverses two “bodies”, the corpus and the body, in accordance with laws that we are only beginning to catch sight of.”

Se alguém busca cuidadosamente as questões que foram colocadas aqui, então o valor de empírico, os contornos dos textos empíricos ou qualquer entidade empírica, pode talvez não ser mais determinada. Eu não posso mais dizer o que um texto empírico é, ou o dado empírico de um texto. (1985a, p. 44)⁶

Para o filósofo, se nos amparamos em certas convenções ou discursos acadêmicos, alimentamos a possibilidade da determinação do texto empírico/dado, embora essa possibilidade não se concretize de fato. O “dado” configura um certo número de fatos empíricos sobre a vida do sujeito, isto é, toda uma gama de pressuposições tomadas como dadas construídas ao longo da vida dele, sobre ele. O filósofo franco-argelino ilustra bem a questão quando se debruça sobre os textos de Nietzsche. Assim ele diz: “Embora possam existir numerosos debates sobre esse assunto, certo número de discordâncias sobre o conteúdo desses dados, a pressuposição é, no entanto, que se sabe o que alguém quer dizer por a vida ‘empírica’ de Nietzsche” (1985a, p. 44)⁷.

Existem numerosos fatos “empíricos” sobre a vida de Nietzsche, mas até que ponto eles são fatos “dados”, no sentido de que podem ser tomados como verdade sobre o filósofo alemão? Sob a ótica derridiana, o empírico/real vivido por Nietzsche, em oposição ao não-empírico/obra/autobiografia dificilmente será determinado enquanto tal, já que lidamos, fundamentalmente, com a interpretação dos fatos da vida.

Desse modo, pensar a autobiografia em termos da borda interna não significa dissolver o valor da narrativa autobiográfica, tampouco desconsiderar o vivido pelo sujeito. Em vez disso, elevamos, sobretudo, a problemática da fronteira, ou seja, a discussão em torno do problema dessa borda interna, da *dynamis*, que forja o chamado *autos* da autobiografia. Nessa perspectiva, o *autos* torna-se problemático e o testemunho, assim como a identidade, é deslocado. Sobre esse aspecto, Derrida pondera:

6 Todas as citações deste texto serão traduzidas aqui para o português e registradas em nota de rodapé como na edição inglesa. “If one pursues carefully the questions that have been opened up here, then the very value of empiricalness, the very contours of an empirical text or any empirical entity, can perhaps no longer be determined. I can no longer say what an empirical text is, or the empirical given of a text.”

7 “Although there may be any number of debates on this subject, any number of disagreements about the content of these givens, the presupposition is, nevertheless, that one knows what one means by Nietzsche’s ‘empirical’ life.”

[...] onde quer que o problema paradoxal da fronteira esteja colocado, então a linha que poderia separar a vida do autor do seu trabalho, por exemplo, ou que, dentro dessa vida, poderia separar uma essencialidade ou uma transcendentalidade de um fato empírico, ou ainda mais, dentro dessa obra, um fato empírico de alguma coisa que não é empírico – essa linha não fica clara. Sua marca se torna dividida: sua unidade, identidade se tornam deslocadas. Quando essa identidade é deslocada, então o problema do *autos*, do autobiográfico tem que ser totalmente redistribuído. (DERRIDA, 1985a, p. 44-45)⁸.

A linha divisória não fica clara, como ele elucida. Não é possível separar indistintamente o trabalho sobre a vida, da “vida propriamente dita”. Diríamos, então, que a autobiografia, abordada sob esse prisma, é colocada em xeque e deslocada, pois o *autos* é indeterminável. Nesse caso, há a rasura da autobiografia e a emergência do neologismo *otobiografia* (1985b), embora ele não seja pronunciado explicitamente na fala de Derrida na palestra. É somente no dia seguinte a ela, no debate em torno das discussões levantadas – “Roundtable on Autobiography” (1985a) – que o filósofo, assim como os seus companheiros de mesa, se refere diretamente ao neologismo. Respondendo a um questionamento sobre a necessidade da troca de *auto* por *oto*, ele elucida:

O jogo que acompanha essa transformação seria de nenhum interesse se ele mesmo não fosse levado por uma necessidade que eu tentei, em um certo grau, torná-la clara ontem. Se hoje eu estou tentando reformular isso é porque essa necessidade requer que nós passemos pelo caminho do ouvido – o ouvido envolvido em qualquer discurso autobiográfico que ainda está no estágio de ouvir alguém falar. [...]. Eu falo de mim para mim mesmo de certa maneira, e meu ouvido é assim imediatamente plugado com meu discurso e com a minha escrita. Mas a necessidade de passar pelo caminho do ouvido não é só essa (p. 49-50)⁹.

8 “[...] wherever the paradoxical problem of the border is posed, then the line that could separate an author’s life from his work, for example, or which, within this life, could separate an essentialness or transcendentality from an empirical fact, or, yet again, within his work, an empirical fact from something that is not empirical – this very line itself becomes unclear. Its mark becomes divided: its unity, its identity becomes dislocated. When this identity is dislocated, then the problem of the *autos*, of the autobiographical, has to be totally redistributed.”

9 “The play that accompanies this transformation would be of no interest if it were not itself carried along by a necessity which I tried, to a certain degree, to make apparent yesterday. If today I am trying to reformulate it, it is because this necessity requires that we pass by way of

Se o ouvido está envolvido em qualquer discurso autobiográfico e se a escrita da autobiografia requer uma escuta, então a transformação de *auto* para *oto* se faz fatalmente necessária. Otobiografia carrega o prefixo grego *oto-*, que se refere à orelha/ouvido (Cf. *Dicionário Houaiss*, 2001). Assim, é possível entender que, para o filósofo, o gesto da escrita autobiográfica é um gesto de escuta da vida, mas que não se confunde com a vida, propriamente. Sobre esse aspecto, Siscar comenta que, para Derrida, “a escuta da vida *inteira* é também de certa forma uma incursão às fronteiras da morte, ou seja, ao fim, a partir do qual, e somente nele, poderíamos nos esperar – esperar encontrar os contornos de uma vida inteira” (2000, p. 166) [grifos do autor].

Para o pensamento derridiano, vida e morte são inseparáveis. A relação entre ambas, de maneira indivisível, poderia, talvez, explicar a lógica da escritura autobiográfica. A escuta da vida inteira só seria possível, efetivamente, após o fim dessa vida, pois, somente com a morte é que ocorreria um possível fechamento/acabamento do significado da existência. A significação sobre aquilo que vivemos não se determina, senão, no fim, pois, até lá, algo pode acontecer e modificar tudo.

Em outras palavras, não há o amálgama do tempo e do espaço quando se diz “eu” em um texto autobiográfico. Quem diz “eu” não está presente a si, devido a impossibilidade do “sentido do ser como presença” (DERRIDA, 2011, p. 15). A vida do sujeito que fala de si e se autoneia é uma só, evidentemente, mas ela pode ser contada de diferentes maneiras, a depender do momento em que se fala, pois as datas e os eventos não se repetem. Quando o sujeito fala de si em uma autobiografia, haverá sempre um deslocamento temporal e, a respeito disso, Derrida argumenta:

Como se pode situar o advento de um *récit* autobiográfico que, assim como o pensamento do eterno retorno, requer que nós deixemos o advento de todos os eventos vir de outra maneira? Essa dificuldade surge onde quer que se busque fazer uma *determinação*: para datar um evento, certamente, mas também para identificar o início de um texto, a origem da vida, ou o primeiro movimento de assinatura. Esses

the ear – the ear involved in any autobiographical discourse that is still at the stage of hearing oneself speaks. [...]. I speak myself to myself in a certain manner, and my ear is thus immediately plugged into my discourse and my writing. But the necessity of passing onto and by way of the ear is not just this.”

são todos problemas de fronteira. (1985b, p. 13)¹⁰

Quando o sujeito assina e fala sobre a sua vida a si mesmo e ao outro, não há determinação temporal e espacial, portanto. Desse modo, Derrida fala em “narrativa autobiográfica”, ou *récit* – narrativa, em francês – considerando que o texto de (auto) apresentação da vida não expõe essa vida enquanto tal. Segundo ele,

Esse *récit* que enterra o morto e salva o salvo, ou excepcionalmente como imortal, não é autobiográfico, pela razão que se entende comumente, isto é, porque o signatário conta a história de sua vida ou o retorno de sua vida passada como vida, não como morte (1985b, p. 13)¹¹.

169

Na perspectiva derridiana, se a narrativa da vida, no uso tradicional do termo, desconsidera a morte para contar a sua história, então ela não é autobiográfica – no sentido de escuta da vida inteira – porquanto não existe possibilidade de falar plenamente da vida estando nela. Nesse caso, segundo Siscar (2000), a autobiografia não seria a maneira mais rigorosa de se relacionar com a verdade do vivente. A (auto) narrativa do sujeito implica um “eu” dividido; um falar “eu” como outro, que, para assinar e inscrever seu nome próprio, aceita e diz “sim” ao que escuta. Em outros termos,

se é verdade que o que se coloca a si mesmo é antes de tudo o problema da relação com o nome próprio, só se pode colocá-lo a si mesmo como outro. [...] a autobiografia é contada primeiramente a si mesmo. Sou alguém que só pode conhecer a si mesmo como outro; para que me conheça, é preciso que eu me diga quem sou eu, pois não há escuta silenciosa do eu, não há ‘viva voz’ de uma consciência presente para si mesma. A escritura autobiográfica seria então compreendida como uma interiorização do nome, não somente como relação ao nome próprio em seu próprio nome, mas como movimento para o dentro de um nome pessoal que não se distingue mais do nome do outro (SISCAR, 2000, p. 168-169).

10 “How can one situate the advent of an auto-biographical *récit* which, as the thought of the eternal return, requires that we let the advent of all events come about in another way? This difficult crops up wherever one seeks to make a *determination*: in order to date an event, of course, but also in order to identify the beginning of a text, the origin of life, or, the first movement of a signature. These are all problems of the borderline.”

11 “This *récit* that buries the dead and saves the saved or exceptional as immortal is not autobiographical for the reason one commonly understands, that is, because the signatory tells the story of his life or the return of his past life as life and not death.”

O nome próprio é inscrito na relação com o outro, ainda que esse outro esteja no próprio “eu”, pois o falar de si implica uma autoescuta. Segundo Derrida, a questão da autoescuta faz parte da estrutura de todo texto e não apenas funciona no caso das obras de Nietzsche, objeto de sua fala na palestra. Nessa direção, o desdobramento do biográfico, em geral, e da biografia dos filósofos, em particular, na reflexão de Derrida, perpassa a leitura que ele faz dos textos de Nietzsche, *Ecce Homo* e “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino”, além de trazer à baila alguns trechos de *Assim falava Zaratustra* (1883-1885) para tratar da questão. A não oposição entre vida e morte, segundo ele, atravessa o corpo e o corpus do pensador alemão, na “*dynamis* da fronteira entre ‘obra’ e ‘vida’” (DERRIDA, 1985b, p. 5) ¹².

170

Em *Ecce Homo*, Nietzsche (auto)enuncia sua existência com uma origem dupla do pai morto e da mãe viva. Desse modo, ele afirma: “A ventura da minha existência, sua unicidade, talvez, repousa em sua fatalidade: eu estou, para expressá-lo em forma de enigma, morto na condição de meu pai, ao passo em que na condição de minha mãe ainda vivo e envelheço” (NIETZSCHE, 2003, p. 22). Esse duplo na autobiografia de Nietzsche endossa a complexidade que envolve o nome próprio e a assinatura, além de reforçar o não lugar da fronteira vida-morte.

As ponderações de Derrida (1985b) relacionadas a “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino” trazem a possibilidade da criação de novas instituições pedagógicas, as quais, distanciadas de doutrinas e da transmissão passiva dos conhecimentos, se organizariam como “instituições do ‘sim’, que necessitam de ouvidos” (DERRIDA, 1985b, p. 20)¹³. Sob essa ótica, aquele que escuta e interpreta atribui sentido a um texto que não está reduzido a uma verdade, ou ao significado – único para cada ouvinte – que é pretendido pelo autor que supostamente assina. Em direção semelhante, o gesto de escuta do próprio “eu”, como outro, é emblemático para pensarmos na questão da assinatura e, conseqüentemente, da contra-assinatura, pois conforme afirma o filósofo, “um texto é assinado somente muito depois pelo outro” (1985a, p. 51)¹⁴.

Em *Otobiographies*, Derrida fala de Nietzsche e faz uma leitura das suas obras, colocando o problema do texto autobiográfico e do nome

12 “*dynamis* of that borderline between the ‘work’ and the ‘life’ [...]”

13 “Institutions of the ‘yes’ which have need of ears.”

14 “A text is signed only much later by the other.”

próprio na medida em que assina junto com o filósofo alemão. A partir de um gesto de escuta – escutar e dizer “sim” a Nietzsche – um rastro é deixado, pois ouvir não é simplesmente receber e entender, mas produzir também (1985a). Desse modo, os “fatos empíricos” circunscritos em *Ecce Homo* para um destinatário ausente, por exemplo, configuram um texto também sem emissor presente, já que Nietzsche não responde mais pelo seu texto a partir do momento em que ele se dissemina e passa a acontecer somente com a contra-assinatura de um leitor. Dito de outra maneira, não existe Nietzsche enquanto tal, mas face ao outro, até mesmo o outro de si. Acompanhemos a reflexão derridiana:

De alguma forma a assinatura acontecerá do lado do endereçado e é do lado dele ou dela, cujo ouvido estará afiado suficiente para ouvir meu nome, por exemplo, ou para entender minha assinatura, com a qual eu assino. De acordo com a lógica que eu tentei reconstituir ontem, a assinatura de Nietzsche não acontece quando ele escreve. Ele diz claramente que ela acontecerá postumamente, conforme a linha de crédito infinita que ele abriu para ele mesmo, quando o outro vem assinar com ele, se juntar com ele em aliança, para então, ouvi-lo e entendê-lo. Para ouvi-lo, deve-se ter o ouvido afiado. Em outras palavras, para abreviar minhas observações num estilo lapidar, é o ouvido do outro que assina. O ouvido do outro me diz para mim e constitui o *autos* da minha autobiografia. [...]. Quanto a Nietzsche, por exemplo, somos nós quem temos que honrar a sua assinatura interpretando a sua mensagem e o seu legado politicamente (1985a, p. 50-51)¹⁵.

O ouvido do outro, ao assinar, dizer “sim” e constituir o *autos* da autobiografia, contra-assina. Todo texto – autobiográfico ou não – assinado por um autor, espera, necessariamente, ser contra-assinado por um leitor. Dito de outro modo, é a partir do gesto de contra-assinatura que o

15 “In some way the signature will take place on the addressee’s side, that is, on the side of him or her whose ear will be keen enough to hear my name, for example, or to understand my signature, that with which I sign. According to the logic that I tried to reconstitute yesterday, Nietzsche’s signature does not take place when he writes. He says clearly that it will take place posthumously, pursuant to the infinite line of credit he has opened for himself, when the other comes to sign with him, to join with him in alliance and, in order to do so, to hear and understand him. To hear him, one must have a keen ear. In other words, to abbreviate my remarks in a very lapidary fashion, it is the ear of the other that signs. The ear of the other constitutes the *autos* of my autobiography. [...]. As regards Nietzsche, for example, it is we who have to honor his signature by interpreting his message and his legacy politically.”

texto acontece, uma vez que ele não está reduzido a uma única verdade, ou a um significado absoluto/dado. Como confirmamos anteriormente, em suma, “um texto é assinado somente muito mais tarde pelo outro” (1985a, p. 51), o que não é característica apenas do texto nietzschiano, relembra o filósofo franco-argelino, mas faz parte da estrutura de qualquer texto. Podemos ir um pouco mais longe e dizer que faz parte da lei da escritura.

III.

Sendo assim, dizemos que toda escritura traz rastros de otobiografia, ainda que não seja propriamente uma autobiografia, pois, enquanto assinatura e dizendo, mesmo não explicitamente, algo de um “eu”, espera ser contra-assinada pelo outro. Como já citado, Derrida (1985a, p. 51) argumenta que o “ouvido do outro constitui o *autos* da autobiografia” e é justamente por essa razão que o *autos* se torna problemático, porque não existe “eu” enquanto tal, tampouco uma “escuta silenciosa” desse “eu” (SISCAR, 2000, p. 169) e assim emerge a rasura: *auto*otobiografia. O ouvido do outro contra-assina toda escritura, autobiográfica ou não, escritura essa que sempre traz um “eu” que não se auto diz, não se autoneomeia, não possui uma identidade presente a si, porquanto esse “eu” só existe em uma relação de alteridade. É o “eu” que se inscreve e que existe em qualquer escritura; um “eu” que necessita de escuta e que espera um “sim” enquanto gesto de aceitação, pois só é “desvendado” pelo ouvido do outro.

BIBLIOGRAFIA

CONTINENTINO, Ana Maria Amado. *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida: Escritura, Meio-Luto, Aporia*. 2006. 216 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Teses/AnaMaria.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2015.

DERRIDA, Jacques. “Assinatura Acontecimento Contexto”. In: _____. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Costa e António Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991. p. 349-373.

_____. et al. “Roundtable on autobiography”. Trad. Peggy Kamuf. In: MCDONALD, Christie (Ed.). *The ear of the other: Otobiography, transference, translation*. New York: Schocken Books, 1985a., p. 41-89.

_____. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. “Otobiographies: The teaching of Nietzsche and the politics of the proper name”. In: MCDONALD, Christie (Ed.). *The ear of the other: Otobiography, transference, translation*. New York: Schocken Books, 1985b. p. 3-38.

_____. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Nas entrelinhas do talvez: Derrida e a literatura*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014.

HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org.). *Identidade e Diferença*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 103-133.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

MITIDIERI, André Luis. *Vidas e varões enovelados: como e porque (des)ler os clássicos da biografia*. 2008. 264 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras, Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4113/1/000400158-Texto+Completo-0.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Ecce Homo: De como a gente se torna o que a gente é*. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003.

SISCAR, Marcos. “A paixão ingrata”. In: NASCIMENTO, Evando; GLENADEL, Paula (Org.). *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, 2000, p. 160-187.